

Asteya (não roubar – O 3º Yama)

Por Mario Brandão (22/01/10)

Considerações iniciais

Em qual tipo de pessoa você se encaixa ?

- 1 – **Ladrão**- pega e não devolve nada (não dá nada)
- 2 – **Devedor** – pega e não devolve tudo (dá bem pouco)
- 3 – **Justo** – pega e devolve tudo que pegou (dá e recebe igualmente)
- 4 – **Generoso** – pega e devolve mais que pegou (dá mais do que recebe)
- 5 – **Sábio** – só dá , não pega nada

Significado

Asteya é a terceira norma ética dos Yogis, o terceiro yama, que significa **não roubar**. Asteya significa, em sânscrito, não furtar ou não se apropriar do que não nos pertence. Em outras palavras,: “*Steya* significa pegar ilegalmente coisas pertencentes a outrem. *asteya* é abstenção dessas tendências, mesmo que em pensamento”.

O escritor Indiano I.K. Taimni no livro “A Ciência do Yoga” faz comentários da 1ª codificação do Yoga feita no século VI a.C. por Patañjali ,o grande filósofo Indiano e neste livro ele escreve o seguinte sobre este Yama: “ Asteya não deve ser interpretada apenas como abstinência de roubo, mas como abstinência de qualquer tipo de apropriação indébita. O futuro Yogi não pode se permitir apropriar-se do que não lhe pertence propriamente, não apenas dinheiro ou bens, mas até mesmo coisas intangíveis, porém altamente vantajosas, como crédito por coisas que não fez ou privilégios que de direito não lhe pertençam. Somente quando uma pessoa consegue eliminar, até certo ponto, esta tendência à apropriação indébita em suas formas mais grosseiras, é que começa a descobrir as formas mais sutis de desonestidade que permeiam nossa vida e das quais dificilmente nos conscientizamos.”

Roubar é pegar o que não foi dado, e compreende desde o roubo armado até tomar emprestado algo e não devolver. Eximir-se de pagar os impostos que deveríamos é uma outra forma de roubo, assim como pegar artigos de nosso local de trabalho para o nosso uso pessoal.

Asteya está muito relacionado com os outros Yamas (Ahimsa, Satya e Aparigraha). A origem do ato de furtar pode estar intimamente ligada ao apego, que é o principal impedimento para o desenvolvimento da determinação de ser livre, e que contraria outro yama: *aparigraha*.

Ao evitarmos o mau uso da propriedade alheia, ficaremos mais atentos às nossas atitudes e ações em relação às posses dos outros. Isto é muito útil e auxilia a evitar conflitos com aqueles que estão próximos de nós. Além disso, as pessoas confiarão em nós e desejarão nos emprestar coisas e também não terão medo de que seus artigos desapareçam quando não estiverem por perto. Dessa forma, estaremos nos relacionando com os outros de forma construtiva e ética, e aplicando *asteya*, *ahimsá* (ou não-violência – pois roubo é uma forma violência) e *aparigraha* (ou desapego – nesse caso, aos bens alheios).

Assim, *asteya* é um termo sânscrito que designa o terceiro preceito de abstinência de *Patañjali*, e pode ser compreendido de forma mais abrangente, incluindo o cultivo da integridade e a utilização somente do que é realmente necessário e indispensável.

A palavra integridade tem a mesma raiz de integral e integrativo. A partir do momento em que reconhecemos que somos parte de uma totalidade maior e que abrange todos os seres vivos, e que essa é a nossa verdadeira natureza, todos os nossos atos passam a se irradiar a partir dessa conscientização, cessando automaticamente a insatisfação, a vontade de querer sempre mais e os sentimentos de cobiça - oriundos do egoísmo e da ilusão de sermos uma unidade distinta e isolada dos demais seres do planeta.

A partir do reconhecimento desse estado de integridade, tomamos do universo, do planeta e dos demais seres vivos apenas aquilo que é necessário. Para se ter clareza a respeito do que é o “suficiente” e que realmente precisamos, devemos entrar em alinhamento com o valor da não-violência (*ahimsá*), em primeiro lugar, e com o valor da verdade (*satya*), em segundo.

Com relação à prática de Yoga, *asteya* significa desenvolver discernimento no uso de práticas para alcançarmos nossos objetivos, tanto os relativos, quanto o absoluto da liberdade. “Quando passamos a “coleccionar práticas espirituais” como posses ou quando nos utilizamos de práticas que têm como objetivo a liberdade espiritual, mas equivocadamente as usamos para auto-promoção, fama ou fortuna, não estamos praticando *asteya*. A prática de Yoga não precisa ser acumulada, porque o estado de Yoga é nossa própria natureza”.

O yama *asteya* está intimamente ligado ao amor e à não-violência: de acordo com o sábio Professor Hermógenes, esse é um mandamento em proveito do amor, pois qualquer furto é *himsá*, uma vez que o ato de apropriar-se de coisas sem autorização do proprietário é uma violência contra a pessoa de quem essas coisas são roubadas. Roubar, ou apropriar-se indevidamente de bens alheios, é um ato egoísta que aflora quando cobiçamos algo que não nos pertence. Roubamos para suprir uma carência, seja física ou sutil, e, por ser o caminho incorreto, nunca chegamos a nos sentir preenchidos.

Algumas formas de Asteya

É preciso evitar igualmente roubar idéias, prestígio, conceitos, frases, histórias, experiências e outras qualidades subjetivas. Se não representa diretamente ódio, é falta de amor e de caridade.

Os lucros excessivos também são agressões, e constituem violência.

Um exemplo atual é a pirataria. A cópia de músicas, filmes, livros, programas de computador, e outras coisas, sem a autorização do seu criador não seria uma forma de roubo? Cada um tem sua opinião, mas é fundamental pensar sobre isso.

Outro exemplo mais sutil é o cruel roubo de tempo. Provavelmente você tem muitas pessoas a sua volta querendo roubar seu tempo. E você também deve roubar o tempo de muita gente. Ao roubar o tempo de alguém estamos também tirando a sua liberdade, tirando sua oportunidade de fazer algo útil, normalmente por algum motivo egoísta e mesquinho. Algumas ações que devemos evitar ao máximo: interromper, bloquear, restringir, tolher, interferir, invadir e sufocar.

Se você faz muito alguma destas coisas pode ter certeza que está roubando coisas preciosas das outras pessoas. Se alguém faz frequentemente isso com você, repense suas relações com essa pessoa.

Devem ser evitados todos os tipos de comportamento que conduzam à degradação moral e espiritual. Ao treinar o caminho do desenvolvimento, escolhemos superar as aflições da condição humana para nos elevar à consciência e evolução.

A Humanidade viveria em paz se cada um evitasse se apropriar indevidamente de qualquer valor, tirando-o, desonesto e cruelmente, dos demais. Haveria para todos o bastante para viver. Em proveito do amor (*ahimsá*), devemos respeitar *asteya*.

A Prática de Asteya (no Nosso Mundo Ocidental)

Para praticar essa atitude ética, tanto no nível material quanto nos mais sutis, devemos refletir sobre o que é real, simples e necessário. Como já foi observado, o preceito *aparigraha* (desapego) pode dar especial sustentação a *asteya*, por estar diretamente ligado ao não cobiçar, ou à não-possessividade.

Além de não roubar, *asteya* significa não cobiçar ou invejar bens ou conquistas de outrem. Não é apenas não roubar, mas eliminar totalmente o impulso de apoderar-se de objetos ou idéias alheios.

Aqui do nosso Brasil, onde, de acordo com dados bem recentes, os 10% mais ricos acumulam 75% de todas as riquezas do país. Brasil: terra calorosa de gente tão acolhedora, simpática e bonita; no entanto um lugar onde já se tornaram comuns notícias sobre pessoas que são mortas por causa de um par de tênis de marca...

No ocidente, onde as sociedades de consumo são fortemente marcadas pelo egoísmo, narcisismo e individualismo, onde o ter é mais importante do que o ser, onde o sucesso é medido não pelos atos de bondade, caridade e generosidade que você fez durante a vida, mas pelo que acumulou de riquezas pra deixar aos familiares , aqui, de modo geral, é mais difícil a prática de *asteya*.

Infelizmente, os valores atuais de nosso modelo de sociedade são muito mais centrados nos bens materiais do que nos valores espirituais e morais, ao contrário de alguns países orientais,

Finalização

Pelo que foi exposto, verificamos que não é tão fácil quanto parece, especialmente nos níveis mais sutis, praticar *asteya*, posto que somos parte de uma sociedade marcada pelo consumismo desenfreado e acúmulo de riquezas, onde as pessoas se observam e se comparam constantemente uma com as outras, gerando permanente insatisfação e ambição, quando não o roubo, que nada mais é do que a materialização da cobiça.

Precisamos nos conscientizar de que o yoga também inclui a superação diária de nossas imperfeições e tendências destrutivas, para que da observação dos erros, do esforço constante em melhorar e se aperfeiçoar e das experiências, surja a luz da sabedoria e a verdadeira compreensão do viver em harmonia consigo mesmo, com os demais seres vivos e com o planeta. Portanto, é uma prática que requer lucidez e conscientização extrema.

Para finalizar vamos meditar sobre este texto de Taimni: “Enquanto tivermos a tendência a nos apropriarmos daquilo que não nos pertença, estaremos governados pelas leis comuns da natureza. Quando superarmos completamente esta tendência e sequer pensarmos em nos apropriarmos de qualquer coisa ainda que se trate de um tesouro que esteja ao nosso alcance, então estaremos, por assim dizer, acima da lei que nos confina estritamente aos limites que nos são impostos por nosso Karma. Então, as pessoas ao nosso redor nos oferecem suas riquezas e misteriosamente percebemos toda espécie de tesouros e jazidas de pedras preciosas ocultos nas entranhas da terra. Para nós, porém, tudo isso é inútil agora. Nada podemos tirar para nós mesmos. Quando estamos presos a desejos comuns de riqueza etc. , temos que obter tudo pelos meios normais. Quando tivermos vencido estes desejos, as leis comuns não mais nos prenderão.”

-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-0-

Para você aprender bem este ensinamento, explique para mais 2 pessoas (pelo menos), que assim além de você divulgar, você estará fixando bem o que aprendeu !